



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**FERNANDA BARROSO BELTRÃO**

**(depoimento)**

**2003**

**CEME- ESEF- UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E- 59

**Entrevistado:** Fernanda Barroso Beltrão

**Nascimento:** Não informado (Falecimento em 16/07/08)

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada – Rio de Janeiro/RJ

**Entrevistadores:** Juliana Santos Costa

**Data da entrevista:** 03/11/2003

**Transcrição:** Juliana Santos Costa

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Fitas:** Não há

**Total de gravação:** 160 minutos

**Páginas Digitadas:** 35

**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 0926/2004/01

**Nº da fita:** Não há

**Observações:** Entrevista realizada por Juliana Santos Costa durante a elaboração de sua dissertação de mestrado intitulada “Vozes de mulheres na Escola Nacional de Educação Física e Desportos de 1939 a 1949: ecoando o passado”, defendida em 2004 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Gama Filho- RJ. Cedeu cópia da entrevista ao CEME em maio de 2004.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

BELTRÃO, Fernanda Barroso. *Fernanda Beltrão (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2004.

## **Sumário**

Ingresso na Escola Nacional de Educação Física; considerações sobre a estrutura e o cotidiano da Escola: disciplinas ministradas, restrições curriculares a homens e mulheres e modificações no currículo; relato acerca de seu mestrado e doutorado; indicação e passagem pela direção da Divisão de Educação Física do estado do Rio de Janeiro; apoio da família para cursar educação física; comentários sobre trabalho com Yara Vaz; restrições às mulheres quanto a práticas corporais na época; a educação no governo de Getúlio Vargas; relato de sua irmã (também graduada em educação física); nomes e comentários sobre professoras da época; fundação do mestrado na Escola Nacional de Educação Física; sua participação em eventos e convênios internacionais; envolvimento com a ginástica e a dança.

F.B. - Naquele tempo, quando Getúlio criou a Escola Nacional de Educação Física, ele já criou dando bolsa para que o Brasil inteiro tivesse professores de Educação Física. Já tinha isso em mente. Então a primeira turma de mulheres veio para a Escola Nacional de Educação Física. Tinha muita professora do Norte, indicada pelo governo do Nordeste. Então a primeira turma tinha não só professora do Rio como do Norte, porque a idéia de Getúlio era preparar.

J.C. - Para todo o Brasil.

F.B. - Uma juventude forte, saudável. Então até 46, a Escola Nacional de Educação Física era em dois anos. Quando vim fazer a Escola Nacional de Educação Física, não pude, fazer porque não tinha idade.

J.C. - Tinha idade mínima para entrar?

F.B. - Tinha. Então, fui fazer o científico no Pedro II e minha irmã fez em 47. Entrei em 46, fiz 46, 47 e 48. Terminei em 48. E o que é interessante é que a Escola era dividida em departamento feminino e masculino. Nós nos encontrávamos com os rapazes nas horas dos intervalos de aula ou na hora do lanche.

J.C. - Por que as aulas não eram juntas?

F.B. - As aulas teóricas eram juntas, as aulas práticas não, eram separadas. A Escola funcionou ali no Instituto de Surdos e Mudos. Até me formar em 48 ela funcionou lá. Quando estávamos no último ano, em 48, fomos capinar, os rapazes e as moças a...

J.C. - Praia Vermelha?

F.B. - Onde era o asilo dos loucos, mas hoje funciona ainda a Faculdade de Educação, na Praia Vermelha, para poder a Escola tomar posse daquele terreno. Em 49, a Escola mudou para lá. Sabe que a minha turma se formou em dezembro de 48 e fizemos a formatura à imitação dos americanos, ao ar livre, debaixo das árvores? Foi, ali atrás, onde é a Escola de Comunicação, a Faculdade de Educação. Tem um terreno enorme onde é o Canecão, cheio

de árvores. Depois derrubaram para fazer o campo de futebol e mais adiante, do outro lado, para fazer um ginásio, ficou no meio a quadra de voleibol. Agora, o que tinha em relação à mulher e ao homem, era que realmente havia essa coisa da mulher não praticar Educação Física. Quando a gente vinha para a Escola Nacional de Educação Física, usava calção curto e quando voltava para o Norte ou aqui mesmo no Rio, eles interpretavam mal, porque o calção tinha que ser mais comprido.

J.C. - Mas já usavam um pouquinho mais curto para fazer atividades?

F.B. - Já. Tinha uma colega, depois foi até professora de dança da Universidade Federal do rio de Janeiro, e ela freqüentava Ipanema. Naquele tempo, Ipanema também não era a Ipanema de hoje, mas ela gostava muito de praia e tinha um calção muito curto. E ela formou-se e foi trabalhar num colégio aqui no Rio de Janeiro e eles a despediram, porque o calção era muito curto. Não devem ter falado com ela que o calção era curto. Tive muitas colegas que, quando regressaram para o Nordeste, tiveram paciência. Foi quase um choque, depois de estar aqui com a Educação Física.

J.C. - As idéias vinham primeiro para o RJ, as pessoas eram um pouco mais avançadas.

F.B. - É. A Escola era relativamente avançada, não tinha muito problema não. O convívio entre os rapazes com as moças era bom. Às vezes, fazíamos, nos intervalos de aula, pelada com os rapazes, fazíamos excursões. Eu me lembro que minha turma, quando terminou, fez uma excursão ao Paraná, nós fizemos demonstração.

J.C. - Era a passeio mesmo?

F.B. - Era. Tudo isso para fazer demonstração, porque o ex-diretor da Escola Nacional de Educação Física, o Coronel Lyra, estava servindo lá. Ele arranhou uma excursão nossa. Lá fizemos demonstração de ginástica. A gente chamava de ginástica olímpica, mas não era nada de olímpica. Hoje, se for comparar, era rolamento, andar no plinto, fazer cambalhota, fazer parada de mão.

J.C. - Nessa época eram professoras mulheres para dar aula para as mulheres e homens para os homens?

F.B. - Eram mulheres para mulheres. Nosso chefe era Luzia de Paula Amoedo e ela ficou muito tempo como chefe. Quando ela faleceu, assumiu a Maria Jaci Nogueira Vaz. Então, durante muito tempo o departamento masculino era o Colombo e o feminino era a Maria Jaci. Em alguns departamentos, eles tinham o titular, de atletismo: era o Oswaldo Gonçalves e quem dava aula para a parte feminina era a Otília. Natação sempre foi a Maria Lenk mas tinha o Oswaldo Gonçalves que dava para os rapazes e a Maria Lenk dava para mulheres. Basquetebol era o Pitanga e quem dava para nós era a Ivete Mariz. Todo esse professorado foi oriundo da primeira turma em 1939, a turma de emergência. Foi um curso que Getúlio Vargas chegou para o Capanema e pediu para ele organizar, porque queria preparar professor de Educação Física. Esse curso funcionou no Instituto de Educação para as mulheres e no exército para os homens. Os melhores alunos foram então nomeados professor titular, sem concurso, não chamava titular era professor catedrático, porque até muito tempo os professores universitários eram professores catedráticos, só depois caiu esse termo, essa nomenclatura. Então foi nomeado um homem e uma mulher, um homem e uma mulher. A que tinha uma cátedra de dança era uma mulher, a Helenita, e naquele tempo dança era dada só para mulher. Até no meu tempo, quando fiz, em 48, ainda dança era só para mulher. Eles não chamavam nem dança, chamavam ginástica rítmica. A partir de 60 é que mudou para dança. Depois dança universal foi sofrendo várias mudanças.

J.C. - E os homens começaram a participar?

F.B. - Começaram. No início, com muita reação, mas agora, com a televisão com a mídia, a dança mudou totalmente, é bem aceita pelos homens, não tem mais essa problemática.

J.C. - E tinha alguma disciplina que somente os homens faziam?

F.B. - Futebol só os homens faziam e também durante muito tempo ginástica feminina só as mulheres faziam. E também a cadeira de ginástica masculina dava ginástica. Também no início nós não dávamos calistenia, depois passou a dar. Era um tipo de atividade que foi difundida nos Estados Unidos e era dada pela Associação Cristã de Moços do Rio de

Janeiro. Eu me lembro que, quando fui diretora da Escola, tinha estado na Alemanha e tinha visto que lá davam atividade de futebol para as mulheres. Então teve um estudo sobre currículo para as escolas fundamentais, organizada por um grupo, e sugeri que colocássemos nas escolas fundamentais, chamadas de escola primária, de 1º grau, alguns elementos do futebol, chutar a bola, driblar. Fui muito combatida pelos colegas, a maioria homens. Hoje um é até professor da Gama, mas ele não foi um dos que me combateu, não.

J.C. - A senhora foi diretora em que período?

F.B. - Isso foi antes. “Você é louca colocar movimentos de homem, bruto para mulheres”. Fui novamente aos Estados Unidos fazer o mestrado. Não, o doutorado. Quando voltei, fui diretora de Escola Nacional de Educação Física em 87. Estava havendo uma reforma no currículo e coloquei na Escola Nacional de Educação Física um crédito de futebol para as mulheres e um crédito de ginástica feminina para os homens. Eles teriam uma noção teórica do que era etc. Quem dava o futebol para as mulheres era o professor Jorge Leite. Fui muito combatida, porque temos que fazer um currículo equilibrado. Quando o masculino ia para uma aula, o feminino ia para outra. O número de créditos tinha que ser igual. Quando quis colocar um crédito de futebol, tive que colocar também para os homens o conceito que era interessante os homens participar, porque já sabia que o professor Darcy Mires, marido da Daise, já participava, ajudava no grupo de ginástica feminina. Fui muito combatida, mas nós demos e ficou no currículo da Escola Nacional de Educação Física naquela época uma introdução ao futebol, não que elas fossem jogar, para ter noção. Acho que fui a primeira a incluir isso.

J.C. - E as meninas gostavam de participar?

F.B. - Gostavam. O Waldemar Areno me combateu muito. Tinha sido diretor da Escola de mim. “Você vai botar futebol?” Eu disse: “Areno, não vou colocar futebol para as meninas. É que elas saem da Escola e vão dar aula no 2º grau, tem que saber noção de futebol. Eu tinha ido dar aula em um colégio e, quando chegou lá, peguei o primeiro grau e os alunos pediam muito para dar futebol.

J.C. - E não tinha preparação da Escola?

F.B. - Não. Dava aula na Escola Nacional de Educação Física e pedi ao professor de futebol da escola titular para me dar umas aulas. Quando eu trabalhei na escola, Estados Unidos, trabalhei um tempo no estado. Não tinha tempo integral, trabalhava no Estado e na Escola Nacional de Educação Física. Dei aula na escola Estados Unidos, ali no Rio Comprido, e os alunos pediam futebol. Fiz até um campeonato. Então, como tinha experimentado essa deficiência em mim, procurei incluir quando fui diretora.

J.C. - Para evitar que as alunas passassem por essa situação?

F.B. - Fui a primeira a colocar o futebol e também fui a primeira a tirar o doutorado em Educação Física.

J.C. - E como foi tirar esse título? A senhora estudou fora do Brasil?

F.B. - Estudei em Syracuse, ganhei uma bolsa. Resolvi fazer o doutorado.

J.C. - Precisava do título do mestrado como pré-requisito?

F.B. - Eu já tinha feito. Fui com o grupo de dança da Helenita de Sá Earp aos Estados Unidos. Passamos quase dois meses lá. Naquele tempo foi a Margarida Leite, que também se formou numa das primeiras turmas, foi a Glória Futuro, que se formou nas primeiras turmas, e a Amida Sale. Chegamos lá, tinha um ônibus nos esperando com um intérprete e corremos mais de vinte universidades. Fiquei muito entusiasmada com o que vi. Quando voltei, havia preparado uma demonstração de dança, ginástica e dança folclórica para o Ministério de Educação. Disseram que não podiam me pagar. “Você pode treinar a equipe?”. Eu disse: “Posso”. Aí treinei a equipe de vários colégios.

J.C. - Eram só meninas que participavam?

F.B. - Os rapazes foi outro professor que treinou. Fizemos isso no Fluminense. Depois o professor Colombo, que era diretor da divisão de Educação Física e também professor da cadeira de ginástica da UFRJ, teve um congresso na Iugoslávia e pediu à Escola Nacional de para eu ir. Eu era auxiliar de ensino, quem deveria ir era a titular e ele pediu à titular



para ceder o lugar para mim, porque eu tinha feito esse trabalho para o MEC<sup>1</sup> de graça. Fui e de lá fui a outro congresso na Inglaterra, tudo pelo MEC. Encontrei a Vera, que nos levou, fez um convite através da Associação Americana de Educação Física, para realizarmos essa dança em dezessete ou vinte universidades. Aí então falei com a Vera Altiência: “Eu queria estudar nos Estados Unidos, a senhora arranja uma bolsa para mim?”. Quando cheguei ao Brasil ela me escreveu que tinha arranjado, então eu fui fazer o mestrado. Não fui a primeira a fazer o mestrado. Quem fez primeiro foi o Renato Brito de Cunha.

J.C. - Mas de mulher foi a senhora?

F.B. - De mulher fui eu. Quem tinha estudado nos Estados Unidos não tinha feito o mestrado. Tinha sido a Maria Lenk, a Krisca, a Stela, uma professora da cadeira de ginástica de São Paulo. Elas fizeram o curso de especialização. Iam muito para a América mas faziam curso de um ano de especialização.

J.C. - O mestrado era em quantos anos?

F.B. - Diziam que era um ano para americano, mas quase nenhum fazia em um ano, era em dois. Um ano e meio, dois anos.

J.C. - E a senhora foi morar lá para cursar?

F.B. - É. Quando fiz o mestrado, como fazia ginástica muito bem, porque fui criada dentro de uma academia, minha tia foi a primeira professora de ginástica do Nordeste, engraçado. Tudo a primeira.

J.C. - A senhora é do Nordeste também?

F.B. - Do Ceará. Minha tia foi a primeira professora de ginástica do Ceará. Começou a dar aula de ginástica antes de 1939. O Lourenço Filho foi fazer uma visita ao Nordeste e procurava uma pessoa para dar aula de ginástica no Normal. Disseram: “Aqui tem uma

---

<sup>1</sup> Ministério de Educação e Cultura.

moça que joga, monta”. Ele então foi até à casa da minha avó, pediu para ela vir para o Rio para estudar ginástica. Ela estudou com madame Lourenço e voltou. Foi nomeada com dezesseis ou dezessete anos professora da Escola Normal de lá. Quando fundaram o primeiro curso em 1939 aqui, ela veio fazer. Então eu fui criada fazendo ginástica. Minha tia tinha um curso de ginástica dentro de casa. Naquele tempo era ginástica musicada, era mais mulher, não tinha homem quase. Minha tia não gostava nem que menino fizesse. Homem não pode, só mulher. Quando eu voltei do Colégii, fiz 58, 59 e 60, voltei no começo de 61 - fiquei trabalhando na escola novamente e sempre aquela idéia de doutorado. Meu estudo foi porque a dança me levou aos Estados Unidos e lá me deslumbrei com aquilo, sempre gostei de estudar, tive esse contato e a primeira bolsa foi através de lá do Smithensis College.

J.C. - E era um estudo sobre dança?

F.B. - Não. Minha tese foi sobre testes. Estava muito na moda o teste de Cause Era um teste que eles tinham aplicado às crianças americanas, comparado com as crianças européias.

J.C. - E era para medir o quê?

F.B. - Para medir velocidade, força de braço, resistência. Foram os primeiros testes que saíram. Depois, estes testes foram se aperfeiçoando e depois teve o teste da “American”, que já está mais aperfeiçoado, mas a base era uma corrida tipo vai-vem, o lançamento de uma correspondente à pelota, uma bola de “softbal”. Traduzi o teste todo. Como minha irmã era professora de Educação Física aqui, ela aplicou em Santa Cruz, em várias regiões e eu comparei os resultados. É interessante que as moças lá de Santa Cruz, daquela região, no lançamento da pelota, que era uma bola de “softbal”, se saíram melhores do que as americanas. Não sei se trabalhavam muito com o braço.

J.C. - E desenvolviam mais a força.

F.B. - Faziam ao ar livre, se saíram muito bem. Então fiz a minha tese primeira. Voltei, fui nomeada diretora da Divisão de Educação Física do Rio, trabalhei muito tempo dirigindo.

Quando fui nomeada, o diretor da Divisão era diretor do departamento: era o Renato Brito Cunha. Fiquei com a parte da Educação Física masculina e feminina para os professores. Mas ainda fui combatida. Escolhi um secretário homem e ele disse: “Não vou ser secretário de uma mulher”.

J.C. - Um cargo subordinado.

F.B. - Ele era muito competente, era muito bom em redação. Trabalhei ali na Divisão de Educação Física com a Educação Física escolar com um grupo grande de professores e professoras e eles me respeitavam muito, não tive nenhum problema. Fazíamos demonstração de ginástica até no Maracanã. Estávamos com mais de mil crianças. Tinha como auxiliar mais direto ele se formou depois de mim, mas nessa época, já em 64, quem trabalhava muito comigo era o Darcy Barros e o Steves. Esses dois me ajudavam muito nas demonstrações. Então não teve assim, tive alguns problemas. Mas até que, pensando bem, eu tive. Depois, quando o Renato Brito Cunha saiu da Divisão de Educação Física do Estado a Maria Lenk quis que eu dirigisse o Estado todo. Novamente o Waldemar Areno se opôs e disse: “Como é que você pode dirigir todo o Estado?”. Disse: “Pode deixar Dr. Areno, vou fazer o meu doutorado, não vou não”. “Mulher dirigir o Estado todo...” Sempre tinha um preconceito em relação à mulher. Mas eu venci porque viajei sozinha todas às vezes, e voltei para dar aula no Smithensis College. Fui convidada porque me desempenhei muito bem. Fazia ginástica bem. Estava começando a ginástica feminina, mostrei alguns movimentos e depois de uns dois anos fui convidada para dar aula lá.

J.C. - E nisso a senhora já tinha terminado o doutorado?

F.B. - Não. Depois do mestrado, voltei. Dei aula lá dois anos. Voltei ao Brasil, fiquei trabalhando com estágio supervisionado. Dava ginástica feminina, de solo, calistenia. Fiquei no departamento de ginástica e depois do departamento de ginástica a Escola se desmembrou. Foi em 70. Ela se mudou para o Fundão e o grupo da parte teórica, os médicos, foram para a medicina e outros ficaram na Faculdade de Educação. Fiquei dois anos na faculdade de Educação, porque tinha tirado pedagogia também. Trabalhei com a parte de didática e estágio supervisionado. Depois surgiu essa oportunidade de fazer o doutorado, mas me desencantei com umas coisas aí que houve.

J.C. - Com a Escola mesmo?

F.B. - Não. O problema foi político mesmo, havia sempre um problema político. Aí disse: “Vou é fazer meu doutorado”. Foi mais no Estado que eu me aborreci. Escrevi para a Universidade de Massachusetts, pois soube que tinha uma bolsa. Fui até a diretora da faculdade de educação, pedir uma carta, me autorizando receber todos os honorários, para ir para Massachusetts. Ela disse que tinha uma bolsa do CNPq<sup>2</sup>, aliás era USAID<sup>3</sup>, órgão que dava bolsa no Brasil. Fui a última a receber a bolsa. Depois a USAIS saiu do Brasil, só ficou na América Latina. Ela disse:”Você vai lá na cidade onde é o Banerj e procura lá essa pessoa”. Fui e ele disse: “Tem uma semana para preparar a documentação e só tem essa universidade que é a Syracuse”. Não queria muito ir para lá porque é frio, é lá em cima, mas eu não tinha escolha. Peguei essa. Só tem em Educação. Não tinha Educação Física. Cheguei lá e fiz Educação e Educação Física. O meu doutorado foi em administração supervisional. Permitiu que eu tirasse uns créditos em Educação Física e outros em Educação. Quando voltei do doutorado, comecei a trabalhar pouco tempo depois. O diretor da escola, ia para um congresso na África. O diretor da faculdade de Educação, já era o Alberebere, me telefonou e disse que precisava falar comigo. Cheguei lá e ele disse: “Não era para lhe dizer não, mas o Heitor quer falar com você e vai lhe convidar para ser diretora do Escola Nacional de Educação Física. Pró-tempori, porque lá está com problema, e ele quer resolver”. Fui transferida da Faculdade de Educação onde estava dando didática e estágio supervisionado. Voltei novamente para escola de Educação Física, porque o Heitor achava que devia ficar lotada lá. Fiquei como diretor pró-tempori para fazer a eleição. Fiz a eleição e fui nomeada. Fiquei quatro anos. Foi quando introduzi o futebol e fiz a reforma todinha do currículo etc. Fiz várias reformas nessa época. Em uma, fui acompanhada por uma equipe que o Heitor tinha designado. Teve uma equipe que não era da Escola, era de fora, Santa Rosa, Alcir, eu e alguns professores da Escola.

J.C. - Sempre a maioria homem?

---

<sup>2</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>3</sup> The United States Agency for International Development.

F.B. - É sempre a maioria homem. Quando fui uma vez representando o MEC a um congresso na Holanda, na Europa, na Alemanha, só tinha eu de mulher. Eram seis homens e eu de mulher. Eu até não me inibia, me sentia à vontade.

J.C. - E eles como lhe tratavam?

F.B. - Teve um dia que um professor virou para mim e disse assim: “Ah, sabe que às vezes até me esqueço que você é mulher?”. Como tinha tido uma colega, a professora Maria Jaci, que foi a minha titular, e tinha ido à Suécia muitos anos antes de mim numa Olimpíada e ela também foi só com um grupo de homens, eles comentaram que era muito chato andar com mulher. Procurava não criar dificuldades, quando queriam uma coisa, “Vamos” e como falava inglês, eles dependiam um pouco de mim. Acho que isso ajudou o relacionamento. Então não tinha muito problema. Me lembro que na Holanda quiseram ir numa rua que só tinha casa de prostituição. As mulheres ficam na janela. Muito sem graça disse: “Levo vocês lá, mas não vou entrar”. Levei, fui com eles até lá, andaram por ali, olharam as mulheres na vitrine, a rua cheia de prostitutas.

J.C. - Então havia uma relação de dependência entre vocês. Eles dependiam do seu inglês, havia uma troca.

F.B. - Dependiam de mim. Ficaram mais amigos nesse sentido.

J.C. - E o doutorado se fazia em quantos anos?

F.B. - Quatro anos. Tinha americano que levava seis anos. Fiz em quatro, porque tinha ido com licença do Estado e da UFRJ. Estudava sábado e domingo, emendava direto. Teve uma corrida de kart e um brasileiro foi correr lá perto. Tinha uns seis brasileiros fazendo lá economia, e eles foram até me chamar, eu disse que não podia porque tinha que estudar. Terminei dentro do prazo.

J.C. - A senhora tinha amizades lá?

F.B. - Tinha três brasileiros, um do Nordeste, um que fazia economia, um sociólogo. Tinha argentino, tinha uns grupos.

J.C. - Tinha uma vida social agradável?

F.B. - Tinha. Depois foi mais uma brasileira do Nordeste de Pernambuco que foi fazer Educação, a Berenice, ficou morando comigo. Do lado, moravam mais dois brasileiros. Quando fui fazer o meu doutorado, tinha feito muitas amizades. Quando trabalhava lá e tinha feriado, pegava meu carro e ia para Massachusetts. Tinha muitas amizades e até hoje tenho. Hoje passei um e-mail para uma delas. Sobre a relação entre homens e mulheres o que senti foi isso. Quando a Maria Lenk quis me indicar para ser diretora da Divisão do Estado, reagiram. Quando coloquei o futebol também reagiram. Me lembro bem das reações quando tentei colocar elementos do futebol. Mas consegui vencer, porque era diretora e Jorge Reis, professor de futebol da escola, também já tinha outra mentalidade. Na escola eu não tive muita resistência.

J.C. - E a senhora veio do Ceará com que idade?

F.B. - Eu tinha quinze anos.

J.C. - E já veio para estudar?

F.B. - Vim.

J.C. - Então a senhora saiu de lá para estudar Educação Física?

F.B. - É, porque minha tia, essa que era professora de Educação Física, dava aula em casa e nós fazíamos aula e às vezes a gente ajudava, eu e minha irmã.

J.C. - Seus pais gostavam dessa relação, sua e de sua irmã com atividade física?

F.B. - Minha tia morava conosco, era uma casa grande, então fez uma academia. Tinha espelho ao redor, a sala de jantar se transformou em uma academia. Então lá em casa às 7

horas, tinha que estar de pé, porque começava a entrar gente. Tinha um banheiro lá atrás, algumas já vinham de calção bombacha, eram muitas senhoras que queriam emagrecer.

J.C. - E como era o nome de sua tia?

F.B. - Luci Barroso. Sou Fernanda Barroso Beltrão. Então minha tia mandou minha irmã de criação fazer. Voltou e foi professora da escola Justiniano, lá no Ceará, foi inspetora do MEC lá também e se aposentou há uns seis anos, aos setenta anos. Minha irmã de criação voltou. Depois minha tia “Ah, vocês deviam fazer Educação Física”. Estava até meio inclinada para o Direito, mas aí a minha irmã mais velha, que é a Angélica Barroso Beltrão, quis ir e minha mãe disse: “Só vai uma se for a outra”. Então viemos as duas.

J.C. - E vocês tinham conhecimento aqui no Rio?

F.B. - Nós temos um irmão médico que morava aqui.

J.C. - Vieram para ficar na casa dele?

F.B. - Na casa dele. Minha irmã pôde entrar e eu não, porque não tinha idade, tive que esperar.

J.C. - A diferença de idade era pouca entre vocês?

F.B. - Era pouca, mas naquele tempo exigia idade mínima para entrar. Aí fiz dezesseis anos e entrei no ano seguinte.

J.C. - E o objetivo era depois voltar para o Ceará para difundir a Educação Física?

F.B. - Eu e minha irmã voltamos. Minha irmã ainda trabalhou na Escola Normal muito tempo, com minha tia e minha irmã de criação. Mas voltei e não fui logo nomeada. Então a professora Helenita Sá Earp fez contato comigo. Voltei sempre pensando na ida aos Estados Unidos. A professora Helenita já falava que ia com um grupo aos Estados Unidos.

Como não arranjei nenhuma nomeação e trabalhava só em escola particular, voltei para o Rio para fazer especialização.

J.C. - Na Escola Nacional de Educação Física mesmo?

F.B. - Com a Helenita mesmo. Foi aí que o grupo de dança de especialização foi para a América, em 1951.

J.C. - Esse grupo de dança tinha uma influência muito grande, pelo que tenho visto. Entrevistei a professora Yara Vaz também.

F.B. - A Yara foi comigo nessa viagem. Ela fazia uma dança com poesia, eu declamava a poesia e ela fazia a dança. Era engraçado na hora da apresentação da dança, dona Helenita chegava e dizia assim: “Fernanda vai lá dentro esquentar a voz”, e eu ficava falando, falando [risos] porque eu declamava e a Yara fazia os gestos.

J.C. - Vocês faziam muito sucesso, viajavam muito.

F.B. - Yara te contou que caiu no lago?

J.C. - Não.

F.B. - Estava gelado, gelado. A Yara sempre gostou de água, nadava muito. Ela disse: “Vou cair nesse lago”. Eu disse: “Você é louca” e ela estava de malha, ou mudou, não lembro o detalhe, só sei que ela caiu. E tinha uma pessoa que estava filmando a gente. Estávamos de excursão do Brasil, filmavam, tiravam retrato, muitos retratos. Aí ela caiu. Como era cidade pequena, de noite deu no rádio: “Brasileira caiu no lago”.

J.C. - Teve grande repercussão.

F.B. - Ela foi de turma antes da minha. Quando fiz a Escola de Educação Física como ela me convidou para dar aula em sua academia. Dei aula na academia dela um tempo. Ela teve um problema de saúde, acho que foi um aborto. Dei aula para ela num colégio aqui na



Praia de Botafogo. Ela era uma pessoa sempre muito decidida. Engraçado, ela dava aula para meninos e meninas e quando fui dar, muito pequenininha, muito miudinha, o professor masculino ficou com medo de eu assumir a turma.

J.C. - Era uma turma mista?

F.B. - Era uma turma mista. Ele ficava de longe olhando e disse para mim: “Você dá uma aula bem forte, que é para eles não criarem problema”. Fui só substituir a Yara, praticamente foi um dos primeiros colégios em que dei aula.

J.C. - E foi um desafio porque estava acostumada a trabalhar só com meninas?

F.B. - É, foi. Até entrei meio assim... e o professor masculino ficava olhando de longe. Era uma turma que a Yara dava, não sei por que pegou essa turma.

J.C. - Então a senhora se formou, ainda voltou para o Ceará, mas não conseguiu se efetivar lá, daí voltou?

F.B. - Quis fazer dança, porque sabia que ali era uma possibilidade de excursão, aí eu vim fazer dança.

J.C. - E continuou morando com seu irmão?

F.B. - Morei com meu irmão e depois morei com minha tia um tempo.

J.C. - A senhora tinha uma outra tia aqui no Rio?

F.B. - Tinha.

J.C. - E essas pessoas te apoiavam, a sua tia, o seu irmão, que era homem?

F.B. - Me apoiavam muito. Na família não tinha nenhum problema.

J.C. - E seus pais tinham que formação?

F.B. - Meu pai era juiz de direito e minha mãe era muito aberta, você vê, eu tinha quinze anos e minha irmã dezesseis e ela nos mandou. Meu irmão veio estudar medicina com quinze anos. Tínhamos uma parte da família que morava aqui.

J.C. - Tenho observado que essas pessoas que estudavam no início da faculdade tinham o apoio da família.

F.B. - Quando fiz a Escola de Educação Física, tinha um grupo de Alagoas e um pessoal do Recife. Getúlio Vargas dava bolsa. Me lembro que na minha turma tinha umas duas ou três que nem gostavam muito, mas por uma questão política, para ganhar uma bolsa e vir para o Rio, enfim ... Tinha uma pensão ali em Laranjeiras, porque a escola funcionava no Surdos e Mudos, que era cheio de professores de Educação Física. Tinha a Margarida Leite, inclusive não sei se você vai entrevistar.

J.C. - É a Margarida Maria da Universidade Gama Filho, de folclore?

F.B. - Não, ela foi professora de natação da escola. Tem tudo anotadinho da Escola.

J.C. - E a senhora sabe dela hoje em dia, onde ela está?

F.B. - Eu tenho o telefone dela e posso te dar.

J.C. - Entrevistei a Margarida Maria que é do folclore e foi de uma das primeiras turmas.

F.B. - A Margarida veio para o Rio. Quando voltou para Alagoas, acho que saiu de calção, foi um escândalo. Ela pode te contar isso. Talvez tenha sofrido mais, como minha tia que era professora lá no Norte. Sofreu um pouco de pressão, masculinizava.

J.C. - As mulheres que gostavam de praticar atividade física ganhavam muito esse rótulo?

F.B. - Tinham esse rótulo. Depois as atletas começaram a usar uns enfeites, porque diziam que as atletas não podiam usar enfeite, não podiam fazer nada.

J.C. - Não tinham as características da mulher sem os acessórios. Quando começaram a usar foi perdendo um pouco. Interessante, a sua família não criou nenhum problema. E nessa época que a senhora estudou, tinha aula de jiu-jitsu ou judô?

F.B. - Não.

J.C. - Não tinha luta nenhuma para as mulheres?

F.B. - Tinha esgrima, tênis, atletismo. Eram obrigatórias e as turmas eram estabelecidas. Até certo ponto o convívio era maior. Hoje, com esse negócio de crédito, os alunos se dispersam mais.

J.C. - Porque fazia o ano inteiro.

F.B. - Estudava o ano inteiro com aquele colega nas aulas teóricas. Até na minha turma teve uns três casamentos.

J.C. - Tinha uma vida social intensa? As pessoas faziam festas? Frequentavam muito cinema?

F.B. - Tinha. Frequentava, porque a escola era ali em Laranjeiras e agente frequentava o São Luís. E como eu tava dizendo: naquela época tinha um número grande de bolsistas que ficavam numa pensão chamava Pensão 103, em laranjeiras. Tinha um grupo de três pernambucanas, três alagoanas. Eu às vezes até gostava de ir lá só por causa da farra.

J.C. - Então eles mesmos formavam um grupo e era como se fosse uma família?

F.B. - Elas faziam quase uma família, se apoiavam entre elas. Tinha uma baiana, a Osvaldira; tinha a Suzete, que foi corredora; tinham duas grandes jogadoras que foram do Batafogo. Jogavam muito bem. Moravam tudo junto e a Margarida, que depois foi

nomeada professora de natação da escola, ficou na escola até ser jubilada. Chega ou você quer mais coisa?

J.C. - Ainda nessa época tinha o ritual de cantar o Hino Nacional todos os dias?

F.B. - Todos os dias. Nós formávamos, era um negócio que o tênis tinha que ser super limpo, tinha que mudar a blusa todos os dias. Quando me formei, eu me formei com essa idéia militarizada e fui trabalhar na Carmela Dutra. No primeiro ano, quando eu voltei do Ceará, eu fiz concurso para o Estado queria saber daquilo. Depois fui mudando. Tinha uma colega que dizia: “Isso aqui é subúrbio, essas meninas são pobres”. Essa colega me ajudou muito a ir mudando. Mas formávamos de manhã, cantávamos o hino Nacional. Até a minha época eram diretores militares, o último foi o Lira depois então começou a ter mais civil, foi mudando um pouco

J.C. - Tinha muitas disciplinas? Eram bem rígidos, em relação ao horário?

F.B. - Ah era! Tocava a sirene, você chegou atrasado é falta, não tinha permissão. Só faltava bater continência.

J.C. - E em relação à quantidade de homens e mulheres que freqüentavam a Escola, era equilibrado ou tinha mais mulheres ou homens?

F.B. - Na minha turma e na turma da minha irmã era bem equilibrado.

J.C. - A gente vê na literatura que a família formava para casar, arranjar um bom marido, ter filhos e cuidar da casa, então essas mulheres que buscavam o estudo se destacavam por algum motivo e de alguma forma. Como as pessoas dessas sociedades de uma forma geral olhavam essas mulheres que buscavam o estudo e em seguida iam trabalhar? Eram vistas de forma diferente, sofriam algum preconceito ou a maioria aceitava?

F.B. - Olha lá no Ceará não tive nenhuma resistência não.

[FINAL DA FITA 59/01-B]

F.B. - Como Getúlio dava bolsas, elas iam para o Nordeste: três professoras de Recife, uma da Bahia, uma de Alagoas, uma do Pará na minha turma, eu do Ceará.

J.C. - E a senhora tinha bolsa?

F.B. - Tinha.

J.C. - Algumas não se adaptaram lá em função dessa resistência?

F.B. - Voltaram para cá.

J.C. - E quando se formavam ganhavam o título de licenciatura? A senhora se lembra?

F.B. - Não, era de professor de Educação Física [a entrevistada levantou-se a apanhar o diploma. Nesse momento sua irmã mais velha, Angélica, aluna da Escola Nacional de Educação Física, em 1944, apareceu na sala e contribuiu com algumas informações].

A - Tinha mais mulheres do que homem.

J.C. - A senhora nessa época sofreu muitas resistências por ser mulher e estar fazendo Educação Física ou as pessoas apoiavam?

A – Não, não.

J.C. - Era bem aceita no curso, pelos meninos também?

A – Era muito ligada com os rapazes, as aulas teóricas eram com eles.

F.B. - Nós, quando voltamos do Ceará, não tivemos nenhuma pressão não, né?

A – Não, não teve não, nada disso.

J.C. - E a senhora trabalhou também quando se formou na Educação Física?

A – Trabalhei trinta e um anos.

F.B. – [Mostrou o calção da época em um álbum de fotografias, já era curto].

A – Quando voltamos do Ceará fizemos uma apresentação no Maracanã com dois mil alunos

F.B. - Eram mil.

F.B. - Eu falei para ela. Nós trabalhávamos muito bem com os rapazes.

A – Não tinha isso, não. Jogávamos com os rapazes, voleibol, basquete e até com os professores. Naquela época os professores eram novos. A Ivete Mariz era nova, não era Nanda? Jogava com vocês. Depois da aula jogavam. Havia muita relação de professores e alunos que hoje não tem, porque os professores não trabalhavam como trabalham hoje. Tinham poucas cariocas.

J.C. - E vocês nunca mais voltaram para o Ceará, a família ficou lá?

A – Vamos sempre. Não, minha família veio toda para cá. Foi por isso que a gente veio. Nós fizemos excursão para São Paulo, alunos e professores.

F.B. - A gente enfrentava. Nunca tive muito problema. Só tive esses dois, que foi com o Thomaz, que disse que não ia ser meu secretário.

A – Mas isso foi trabalho. Como aluna, nunca vi nenhum caso de professor com aluno na escola, de aluno ter sido tido alguma coisa, eu não me lembro. E foi a minha turma que trabalhou para a escola passar para três anos. Agora não saiu nenhum casamento. Se davam demais, mas não saiu.

F.B. - Na minha saiu.

J.C. - Parece que o número de alunos de outros estados era maior que do Rio.

A – Antigamente era. Até a minha turma, tinha bolsa de estudo para o Nordeste. Eles queriam integrar o Nordeste que estava fora da Educação Física. Abriram a escola em 39 não era?

J.C. - Foi.

A – Até a minha turma, na qual entrei em 45, teve essas bolsas.

J.C. - E as pessoas podiam voltar e trabalhar a Educação Física em seus estados?

A – É, mas muitas ficaram aqui.

F.B. - Na minha turma ainda teve muito nordestino.

A – Até na turma dela.

J.C. - Essas bolsas eram só para os nordestinos ou para o Brasil inteiro?

F.B. - Era para o Norte e Nordeste. Não tinha nenhuma para o Sul. Tinha três da minha turma que eram professoras primárias. O governo arranhou para elas deixarem de trabalhar como professoras e foram requisitadas para fazer a escola, entendeu? E as do Rio, da minha turma, naquele tempo era Distrito Federal, da minha turma todas eram professoras formadas pelo Instituto de Educação, normalista é que faziam.

J.C. - Então o objetivo era trabalhar mesmo dentro de Escola? Tinha emprego, arranjava quando terminava a Escola?

A – Imediato.

J.C. - E as mulheres ganhavam o mesmo salário que os homens?

A – Ganhavam.

F.B. - Arranjava em colégio particular, porque o primeiro concurso que teve no Rio de Janeiro foi em 52. Nós fizemos. Escrevi para ela vir fazer (Angélica). Esse concurso foi assim o grande feito do Rio de Janeiro.

A – Porque inclusive nunca tinha tido concurso e a gente não sabia como era a prova

F.B. - Sempre era nomeado por pistolão. Eram trezentos, passaram quarenta.

J.C. - Foi muita gente eliminada?

A – A Nanda tirou em 2º lugar, não tirou primeiro nem sei por quê? Na prova prática ela tirou dez.

J.C. - Tinha prova prática até para dar aula em Escola?

A – Dava aula para os garotos lá no Instituto de Educação

J.C. - Era uma aula prática que se dava?

A – Tirava o sorteio de qual era a aula. Eu tirei de recreação e ela tirou de ginástica

J.C. - E tirava na hora e tinha que dar a aula?

F.B. - Na hora. Depois entrei e participei de dez bancas de concurso.

J.C. - E vocês fizeram vestibular para entrar na faculdade?

A – Ah, fizemos.

J.C. – E tinha aquele teste de habilidades específicas também de saltar, correr, nadar?

A – Não.



F.B. - Tinha, Angélica, de correr e saltar.

A – O meu foi só natação, o dela foi diferente. Depois fui do atletismo do Fluminense.

F.B. - Era bom ela conversar com a Margarida, porque a Margarida guarda tudo.

A – A Margarida fez antes de mim. Quando entrei ela já estava saindo, mas ela não voltou ficou aqui no Rio. Ela fez muita coisa, voleibol, foi técnica por muitos anos no Botafogo. Depois sofreu também uma pressão.

J.C. - Deve ter sido uma das primeiras mulheres a ser técnicas no Brasil, não é?

F.B. - As primeiras mulheres a serem técnicas foram três: a Lígia , que ficou pouco tempo no Vasco, e a Tônia Carrero e a Otília Joaquina Machado, no Botafogo, que era professora de Educação Física da faculdade. Fiz um trabalho sobre as dez professoras de Educação Física da Escola, entrevistei todas elas, tenho a vida delas todas

A – A Nanda tem um trabalho, uma palestra sobre a mulher na Educação Física muito bonito.

J.C. - A senhora tem esse trabalho em computador ou em livro?

F.B. - Tenho escrito.

J.C. - Eu podia xerocar, pode acrescentar no meu trabalho com mais informações.

A – Ela agora foi a um congresso, ela não diz, foi em Gramado e ela foi última a falar. Era uma advogada que estava dirigindo o congresso. Ela falou sobre esse mesmo assunto.

F.B. - É um congresso feminista que a maioria era de advogados, juizes e tudo. Falei sobre EF e como fui a última a presidenta da mesa que é uma feminista, até por surpresa minha, eu era de Educação Física, ela disse: “Fechou com chave de ouro”.

A – Você devia passar isso para um vídeo.

F.B. - Eu já falei num congresso da Universidade Gama Filho.

J.C. - Muito interessante.

A – Se você quiser, falo com a Margarida e você vai lá. Ela é desocupada, está aposentada. Tem milhões de medalhas. Ela se destacou em natação, foi a primeira atleta. Depois foi se dedicar ao ensino e largou.

J.C. - Ela deu aula em Universidade também?

A – Ela foi a contratada imediata para a Escola Nacional de Educação Física, ela e a Nanda. Ela foi antes de mim, um ano antes de mim.

J.C. - Também contribuiu muito para a Educação Física?

A – Muito. Foi professora do Sion, da Escola de Educação Física, e técnica de vôlei do Botafogo por muitos anos. Durante muito tempo, foi professora de natação e substituía a Maria Lenk, que viajava muito. E ela tem mania de guardar tudo. Eu não, joga tudo fora.

J.C. - E a senhora trabalhou com quê, em escola?

A – Eu só trabalhei em escola. Quando terminei, minha família ainda estava no Ceará. A Nanda ainda estava estudando, ficou aqui. Fui para o Ceará e fiquei só quatro anos. Chegando lá, fiz um concurso imediato e passei. Entrei no Instituto de Educação. Quando fui nomeada no Instituto de Educação de lá, minha família veio embora para o Rio e, por coincidência, quando vim embora com o papai e a mamãe e a família para o Rio, abriu esse concurso. Pedi uma licença lá de um ano, o tempo que fiz o concurso, e engrenou e não voltei mais. Quando fui nomeada, pedi exoneração de lá. Aqui trabalhei em colégio particular, no estado e no município. Trabalhava no estado e em particular. Depois, quando passei no município, porque no município só abriu em 66, houve uma diferença enorme. Abriram o concurso em 52, e só dez anos depois foram abrir o segundo concurso. Quer dizer, esse grupo que se formou entre 52 e 66, coitado, ficou parado. Aí, quando foi em 62, foi aquela montoeira de gente. Aí fez concurso em 62, 63, 64. Todo ano fazia concurso.

Ainda passei no segundo e fiquei no município e no estado, porque aí não dava mais colégio particular. [Nesse momento houve a troca de telefone da professora Margarida Leite, Frida e exposição de foto organizadas em um álbum da época da escola e do seu trabalho recente sobre mulheres Voltamos a conversar].

A – Ela não diz, mas ela fez mestrado.

F.B. - Já disse.

J.C. - Eu sabia e gostaria de saber dos detalhes. A senhora se destaca por esses títulos?

F.B. - Tive coragem de sair daqui sozinha, quase não falava inglês, cheguei em Nova York sozinha [risos].

J.C. - Tem que ter muita coragem.

A – Ela foi a primeira que fez mestrado e doutorado.

J.C. - A primeira em Educação Física ou de mulher?

F.B. - Em Educação Física não tinha ninguém quando eu fiz. Só tinha feito o mestrado no Rio o Renato Brito Cunha, nos Estados Unidos, e um professor de São Paulo. Os dois fizeram mestrado. Aí fui eu, a primeira mulher. Agora doutorado ninguém tinha feito, nem homem e nem mulher. Quando o Renato Brito Cunha soube que eu ia, ele foi no ano seguinte, depois foi o Alfredo.

J.C. - A senhora ainda trabalha na Educação Física? Não se aposentou?

F.B. - Trabalho, porque me aposentei pela UFRJ. Quando fui diretora da Escola de Educação Física, criei o mestrado e foi uma dificuldade. O Heitor disse: “Mestrado em EF?” Aí tive apoio do vice-reitor de pós-graduação, que tinha sido amigo da Margarida no esporte, Sérgio. Ele fez muita coisa, abriu o mestrado. Aí ele disse: “Não vou abrir esse mestrado sozinho” e chamou o pessoal da Faculdade de Educação, que já tinha o mestrado.

Então fundei o mestrado. Quando eu fiz os trinta anos, não quis logo sair, porque o mestrado estava em andamento. Ainda fiquei lá um ano para dar impulso ao mestrado e fui me aposentar em 93, mais de trinta. A Castelo Branco estava querendo organizar o mestrado lá, e organizei o mestrado da UFRJ e da Castelo Branco. Quando larguei a UFRJ, ela estava credenciada e quando larguei a coordenação da Castelo Branco tava credenciada. Agora tem um amigo que está lá coordenando. O Tubino está lá. Aliás, quem levou o Tubino, para lá fui eu. Lutei para levar ele, porque na época não tinha dinheiro, mas falei: “Tem que trazer” e trouxe.

J.C. - E hoje em dia a senhora ainda trabalha?

F.B. - Trabalho lá. Reduzi minha carga horária para vinte horas, mas até o ano passado trabalhei quarenta horas. Coordenava até o ano passado. Coordenei lá até agosto do ano passado. Larguei a coordenação e agora estou só com orientação de tese, dou uma aula. Acho que para o ano vou largar, meus amigos falam: “Está na hora”.

J.C. - A senhora já contribuiu muito para a Educação Física.

F.B. - Tenho sessenta anos e vou fazer sessenta anos agora. Não quero mais ficar nesse tráfego, o pior é o tráfego.

J.C. - E a senhora pratica alguma atividade física?

F.B. - Eu ando. Gostava muito de ginástica, mas depois, com o trabalho...

J.C. - Se envolve muito não dá mais tempo.

F.B. - Passei a ter colesterol alto, faço esteira, faço um pouco de bicicleta e ando. Ando com minha irmã sistematicamente, pelo menos três vezes na semana, uma hora, cinquenta minutos.

J.C. - E tem algum fato que marcou a senhora na época da escola de forma positiva ou negativa, que tenha ficado marcado?

F.B. - Tive muito estímulo positivo, porque a escola me abriu um mundo novo. Tinha demonstração de dança e me entusiasmava muito dançar, fazia ginástica, fazia demonstração em colégios, gostava daquilo. Acho que nunca tive uma coisa assim. Tive, por exemplo, quando Renato Brito Cunha saiu do estado, mas isso é coisa normal, resolvi viajar, foi até bom que fui fazer meu doutorado.

J.C. - E isso abriu muitas portas, respeito, visibilidade?

F.B. - Foi muito bom porque quando voltei do doutorado, todo mundo falou “você fez doutorado?” E a Universidade de São Paulo quis abrir o doutorado e o mestrado. Veio uma comissão de dois professores, me convidaram para jantar, para me fazer o convite para eu dar aula lá. Queriam abrir o mestrado e não tinham professores suficientes. Vieram ao Rio e convidaram o Tubino, o Alfredo e eu para dar aula lá. Então, o primeiro mestrado do Brasil foi o da Universidade de São Paulo. O segundo, de Santa Maria, e o terceiro meu. Foi pouca diferença entre um e outro. O mestrado da USP fez vinte e cinco anos esse ano, e o nosso, acho foi um ano depois. Pouca diferença. Para fundar o mestrado eu tive um pouco de resistência: “Ah, mestrado em Educação Física?”.

J.C. - Deve ser porque Educação Física não era uma profissão com muito prestígio

F.B. - Mas assim mesmo consegui abrir com ajuda do pessoal do mestrado da Faculdade de Educação que tinha o apoio do diretor, que era o Peregrino. Ele deu muito apoio nas reuniões. Eu participei de várias reuniões do MEC, sobre currículo, para desenvolver a pós-graduação. Aí também era mais homem, era o Tubino, o Jarbas, um professor de São Paulo, o Brito Cunha. De mulher só tinha eu. Eu me lembro que fui fazer uma reunião em Brasília sobre currículo, só tinha homem na mesa, uma alemã e eu.

F.B. - Angélica, nunca tive gente que me fez pressão porque eu era mulher não é?

A – Não.

F.B. - Só me lembro do Thomas e do Areno, que achou que eu não podia dirigir a Divisão de Educação Física, porque o Renato era diretor da Divisão e eu do departamento.

A – Ela foi diretora. Antes, teve a Maria Lenk, mas ela foi indicada pelo Heitor.

J.C. - É, porque tinha o prestígio, o reconhecimento.

A – Ela tinha acabado de fazer o doutorado, e quem estava mais em dia era ela.

F.B. - Ganhei muita experiência, porque dirigi a Educação Física junto com a escola do estado. Participava de banca de concurso, era eu quem nomeava. Organizei com Renato Brito Cunha a primeira forma de organizar os programas de unidade de ensino, porque tinha pedagogia. Fizemos um curso na Escola de Educação Física do Exército, na Urca, para todos os professores e fui ensinar como organizava o plano de curso. Determinamos que o plano de curso deveria ser por unidade, como deveria ser dois meses uma unidade. Dei aula sobre tudo isso e depois organizamos. Era para ser publicado em livro mas não foi, que nós fizemos vários grupos de estudo, um de atletismo, um para natação, um para vôlei, para orientar os professores. Tempos depois, o MEC fez a mesma coisa, me convidou e um grupo de professores do qual o Lamartine também participou. Nós nos reuníamos até em Laranjeiras para organizar as unidades de ensino para cada modalidade, e isso ia publicar mas não publicou. Soube até que uma pessoa pegou o material e publicou em nome dele, mas eu nunca nem quis ver. Foram várias reuniões que fizemos para organizar a seqüência pedagógica, o grau de dificuldade de todas as disciplinas.

A – Naquela época havia muita reunião de professores, um dia na semana, eu me lembro que era na terça-feira. Todos os professores do estado se reuniam e sempre era ela que dava aula.

F.B. - Quando voltei do Smithensis College, as professoras do estado, que eram umas 30...

A – Eram poucas, não era como é agora, não.

F.B. - Eu dava aula para elas, quarta-feira.

A – Terça era mulher e quarta era homem.

J.C. - E as aulas eram separadas para meninos e meninas, porque se as reuniões eram separadas, as aulas deveriam ser também?

F.B. - Eram separadas. Para atualizá-las. Como trabalhava na Escola de Educação Física, passando o método francês, o sueco, ginástica feminina, então eu dava para as professoras do estado. A ginástica feminina se chamava ginástica rítmica.

A – Que eu me lembre, até 75 era separada. Não me lembro de 76 para cá.

F.B. - 1976 foi quando eu fui para América fazer o doutorado.

A – E o curso de mestrado aqui no Rio foi ela que fez o primeiro, fundou.

F.B. - Me deu muito trabalho, muita reunião. Fiz reunião no MEC, no Rio.

J.C. - E hoje em dia não tem mais o mestrado na UFRJ.

F.B. - Porque depois que saí de lá, ficou o Átila, e houve muita aposentadoria.

J.C. - Não tem mais concurso, então não entra professor com doutorado.

A – Tínhamos curso com professores de fora, hoje em dia não tem mais.

F.B. - Ainda tem, agora tem esses cursos que não são dados mais pelo Ministério da Educação. Naquele tempo quem assumia a liderança de trazer gente de fora era o Ministério da Educação, trazia e dava cursos. O Ministério tinha uma divisão de Educação Física SED e a associação dos professores de Educação Física era muito forte, trazia muita gente para dar aula. Dei muita aula na associação.

J.C. - A senhora estava sempre renovando os profissionais.

F.B. - Agora tem a FIESP<sup>4</sup>, que dá em São Paulo, tem congressos. Só que agora o que a gente dava pela APEF<sup>5</sup> e pelo MEC quem ta dando são os congressos.

---

<sup>4</sup> Federação Internacional de Educação Física.

J.C. - Mas hoje em dia virou muito comercial.

F.B. - É.

J.C. - A senhora tem uma grande representação na Educação Física e o que significa isso na sua vida?

F.B. - Nunca tinha pensado muito nisso até quando fui escolhida em um congresso em Santa Catarina por ser a primeira mulher. Aí, então, falei: “É mesmo fui a primeira mulher”. Recebi essa homenagem, fiquei realmente... Não foi no Rio, foi lá fora a homenagem. Mas é sempre assim. Agora, na Castelo Branco, recebi três homenagens lindas e na UFRJ onde fui diretora, fundei o mestrado e lutei pra burro, até deixei de me aposentar para trabalhar no mestrado e não deixar morrer, porque quando eu ia me aposentar a diretora me chamou e disse: “Fernanda, não se aposente, não. Está com um problema aí no mestrado para você ajudar” e eu fiquei mais um ano e eles nunca me deram uma placa. Já recebi três placas, inclusive de São Paulo. O Tubino também recebeu.

A – Quando ela terminou, o governo americano convidou para ela ficar lá. Quando terminou o doutorado, que ela tirou tudo exemplar nota dez, ela foi convidada para ficar na universidade que quisesse, mas ela não aceitou. Ela tem muito valor mas não se dá, sabe, Juliana?

J.C. - É, estou observando isso, que ela não tem muita noção do que ela representa na Educação Física, os avanços que a Educação Física teve...

A – Não tem, não tem essa vaidade em dizer.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Associação de Professores de Educação Física.

<sup>6</sup> Vimos fotos. A entrevistada mostrou as placas que ganhou em homenagens. Houve uma pausa de quinze minutos quando fui à papelaria xerocar os diplomas de graduação, mestrado, doutorado, foto da turma e trabalho sobre as primeiras professoras da escola. Quando retornei continuamos a conversar.



F.B. - Naquele tempo existia uma divisão de EFD do MEC. Chamava-se DED<sup>7</sup>, depois passou a ser SED – Secretaria de EFD. Essa secretaria estava aberta para as escolas, para as universidades. Fazia às vezes instalações de quadras de basquete, deu uma pista de atletismo para o Instituto de Educação, para a UFRJ que consegui. Então, quando houve esse congresso na Inglaterra, ela mandou um grupo de ginástica feminina. Foi o primeiro com a Elô para um congresso na Iugoslávia, Passarinho acompanhando o grupo, responsável pelo grupo tinha a técnica que era a Elo Marcondes. De lá, fomos para o congresso na Inglaterra, também representando o MEC. Aí só fomos eu e a Yes Passarinho. Foi aí que encontrei com a Doroty e pedi uma bolsa. Foi nesse congresso. Foi a primeira vez que o Brasil se apresentou em ginástica rítmica desportiva, que naquele tempo era ginástica feminina fora do Brasil.

J.C. - Os outros países também faziam apresentações?

F.B. - Tinha vários países. Nós não nos saímos muito bem. Ela fez também um número de coco, então ficou meio folclórico e agradou muito. Naquele tempo era moda todos os países fizeram demonstrações de massa nos campos. Tinha muitas ilustrações masculinas e femininas e era mais demonstração do que palestras, tinham poucas palestras. Depois foi mudando, porque a EF sempre foi mais prática. Quando eu era diretora da escola, o Ministério de Educação resolveu mandar cinco diretores de escola para visitar, quem já estava interessado na pós-graduação, umas escolas na Alemanha, porque o Brasil fez um acordo com a Alemanha, que deu muito auxílio para o Brasil durante quatro ou cinco anos, que por sinal se deve a mim indiretamente. A Alemanha escreveu várias vezes para o Brasil que custou a dar a resposta. Quando foi nas Olimpíadas de Munique eu estava lá, e o representante do DED estava lá. Era o coronel Erik Tinico. Houve um encontro com a jogadora de basquete, que era minha conhecida, Marta Relga, e ela disse para Marta: “Olha, o Brasil vai perder toda verba que eu mantive porque não deram resposta do acordo até hoje”. A Marta telefona para o meu hotel. Isso tudo em Munique. Eu disse: “Vamos lá no hotel”. Sempre tive iniciativa. Foi no dia que tinham assassinado aqueles judeus todos. Pegamos um táxi e fomos lá no hotel da Mísia Lopes. Chegamos, ela estava na piscina, tomando banho de sol. Aí disse: “Nós não podemos perder isso”. Mas é até amanhã a data, mas o coronel está aqui”. Pegamos um táxi e fomos até onde o coronel estava hospedado.

---

<sup>7</sup> Departamento de Educação Física e Desportos.

Trouxemos o coronel e ele se encontrou com a Misia Lopes. Ele assumiu as responsabilidades, não sei que medidas administrativas tomou, e o convênio foi fechado ali.

J.C. - A senhora que teve essa iniciativa, se não ia passar o prazo?

F.B. - Eu que fiz tudo isso. Esse convênio, ela veio ao Brasil e trouxe vários alemães para dar curso. Levou um grupo de professoras de Brasília para fazer curso de jardinagem, que era jardim de infância, levou cinco diretores de escola. Foi aí que fui com o Tubino, um de Santa Maria, um professor de São Paulo, um representante da CAPES<sup>8</sup> e ficamos quinze dias na Alemanha visitando as escolas. Fomos até Berlim. Ainda era do tempo que tinha o muro e de lá fomos fazer aquele passeio que te contei da luz vermelha. Tinha vários representantes da secretaria de educação. Depois acabou mas tinha uma verba própria, trazia professores de fora, dava cursos, dava uma contribuição muito grande. Depois, entrou para a verba do SEDUC<sup>9</sup>, ficou uma coisa só, secretaria de ensino superior. Fui uma vez também à Itália a um congresso ao qual me mandaram e uma vez a Óregon num pré-olímpico que houve. Também para todo curso que a Secretaria de EFD do MEC, eles me chamavam. A todos esses encontros com a Misia Lopes estava presente. Houve o curso currículo lá na Avenida Brasil, eu ministrei. Quando fizeram as primeiras discussões sobre a pós-graduação no Brasil, entraram em contato comigo. A reunião foi aqui na UFRJ. Foi o Renato Brito Cunha, eram dois representantes de São Paulo, que já estava tratando. Estabelecemos as primeiras metas da pós-graduação no Brasil. Foi um grupo do MEC, com alguns professores do Rio e de São Paulo. Traçamos nessa época as linhas da pós-graduação no Brasil, como deveria ser. E nessa época o Brasil estava montando esse grupo. Trouxeram um professor de Aila. Tinham dois professores americanos e eu também participei das reuniões. Mandaram 10 professores do Brasil, eu já tinha voltado, para fazer mestrado lá. Tinha um professor de Stanford que era especialista em currículo. Ele fez tanta influência em nós que, nos primeiros cursos de mestrado, botamos o currículo obrigatório. Ele achava que currículo era importante. E o especialista de Aila reclamou muito porque os professores que vinham aqui do Brasil não tinham noção de biomecânica e ele não podia botar na área de ciências, só na de administração. Tinham ido dois

---

<sup>8</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

<sup>9</sup> Nome sujeito à confirmação.

professores de SP e vários outros. Eram dez ao todo. Então, o que eu fiz? Quando veio a reforma do currículo da escola, botei a bioquímica. Também tive luta para botar a bioquímica, porque fui pedir o professor lá na medicina, porque não tínhamos e nenhum queria dar a bioquímica, achavam que o nosso professor não podia aplicar, porque não tinha preparo. Foi outra luta que eu tive. Esse foi o segundo grupo que foi fazer o mestrado. Antes tinham ido três professores, eu, Alfredo e Brito. O pessoal da USP eram médicos que davam aula no mestrado, eles não tinham doutores em EF. Fomos nós três dar aula lá.

J.C. - A senhora deu aula em São Paulo?

F.B. - Demos aula por quatro anos, eu voava toda sexta-feira. Pagavam minha passagem, eu dava aula no sábado. Era todo fim-de-semana. No ano seguinte eu abri na Escola de Educação Física o mestrado.

J.C. - Na época da escola o Rio era Distrito Federal e realmente a escola tinha um peso nos demais estados?

F.B. - A escola foi padrão. Até a lei dizia que deveria seguir o modelo, depois elas se liberaram. A USP não existia ainda. A primeira escola de grande nome foi a nossa. Existia uma escola de Educação Física separada, depois é que eles formaram a USP, e a Escola de Educação Física foi para USP, e também sofreu certa resistência, porque sempre tem resistência. Quando fizeram também a reforma do currículo é que a área pedagógica foi para a faculdade de educação. No começo também teve certa resistência para nós entrarmos lá.

J.C. - Existe uma tradição de que a gente só trabalha com o corpo.

F.B. - Isso. Mas o grupo que foi para a faculdade de educação era muito preparado: uma socióloga; o Brito Cunha, que tinha feito o doutorado; eu, que já tinha feito o mestrado, e a Maria Jaci. Era uma mulher que se formou em SP, tinha uma cultura geral muito grande, e ela teve liderança. Ninguém fala dela, mas na fundação da escola era ela que traduzia todos os artigos do método francês, porque ela falava francês muito bem e redigia muito bem.

Ela foi para aqueles professores da escola inicialmente porque alguns tinham vindo do exército outros da polícia de elite do Getúlio, então eles queriam que ela traduzisse e traduziu muito bem.

J.C. - Ela era professora também?

F.B. - Era assistente da ginástica, mas dava só teoria, nunca deu uma aula de ginástica. Ficou a parte de métodos, metodologia. Quando a titular morreu, que era a Luzia, ela assumiu. Para você ver como minha tia já era adiantada. Era o curso de minha tia no Ceará.

J.C. - Isso antes de entrar para Escola?

F.B. - Antes. São todas cearenses. Se chamava dança clássica. Ela dava dança clássica e sapateado, depois é que veio dança moderna. A dança clássica não era o balé de ponta era só meia ponta. Foto da dança coco que saiu no cartaz nos EUA [descreveu a dança e cantou. Falou da dança do basquetinho]. Muita dança folclórica. A parte de instrumento era Dora que dava. Vai evoluindo e a dança vai mudando de nome. Quem fez primeiro foi a Dora que fez pesquisa, de macumba.

J.C. - Quando a senhora parou de participar do grupo?

F.B. - Parei, porque, quando voltei, fiz concurso para o estado em 53, 54, e aí fiquei com a Escola de Educação Física, com o estado, com o Colégio Andrews e eu precisava, porque minha mãe tinha se mudado para o Rio e tinha que assumir e aí eu parei. E a Helenita dizia: “Que pena que você parou”, porque ela achava que me aproveitava muito, eu tinha muita flexibilidade. Eu tinha uns saltos, vinha correndo e batia. Hoje não é mais nada, se treina impulsão de outra maneira, mas naquele tempo era muita coisa. Batia com os dois pés, pulava, e no ar encostava o pé na cabeça. Hoje todo mundo faz, mas naquele tempo... Tinha um amigo que dizia que eu era de mola.

J.C. - Mas não é todo mundo que faz aquilo não, é muito difícil.

F.B. - Naquele tempo tinha uns terrenos perto de casa, circo. Via o circo, vinha para casa e queria fazer. Sempre fazendo ginástica, desde sete ou oito anos que eu fazia ginástica. Quando fui para a escola, fui a primeira aluna que chamou mais atenção. Minha irmã também, porque a gente tinha muito trabalho físico e esse pessoal que vinha do Norte vinha porque o tio mandou, porque ganhou bolsa.

J.C. - Não eram muito envolvidas com o exercício.

F.B. - A Margarida já era atleta, mas nem todas eram. Eu me lembro que quando entrei na Escola de Educação Física tudo que era demonstração e quando tinha visita, a titular, dona Luzia, me chamava para eu fazer a demonstração. E as minhas colegas até mexiam comigo e diziam assim: “Você vai ser auxiliar de ensino qualquer dia”. De tanto falarem, fiquei com isso e acabei sendo convidada pela professora Luzia. Primeiro, sem concurso. Fiquei esperando a nomeação. Dei aula dois ou três anos lá. Dava aula e ia me embora. Não ficava, porque, naquele tempo, não tinha negócio de carga horária fixa, até ser nomeada, eu e o professor de ginástica. Naquele tempo era muito comum, entrava como auxiliar de ensino, dava aula e depois saía no boletim, mas você não recebia remuneração. Só depois quando fosse nomeado.

J.C. - Mas geralmente era nomeado?

F.B. - Era. Só uma não foi porque entrou para o estado e desistiu.

J.C. - Mas aí foi interesse dela. E mais tarde passou a ser concurso?

F.B. - Mais tarde, depois de 60 para cá. Antes, era indicação. De modo geral, pegavam os melhores alunos, porque para eles não interessava pegar um aluno ruim, que não ia conseguir dar aula. Todos que entrarem naquela época eram bons alunos ou atletas. Só me lembro de ter entrado um, de Niterói, com pistolão forte, era da família de Getúlio Vargas, e do qual não vou falar o nome. Naquela época, de 49 para cá, só entrou ele com pistolão, que eu me lembre. A escola reagiu, não queria, tudo porque na escola todo mundo era atleta. Todos os titulares tinham sido atletas, o Gonçalves, o Colombo, a Ivete, a Otília, o Inezil foi da polícia especial de Getúlio, depois se formou em advocacia. Mas ele começou

da polícia especial. Quando Getúlio foi nomeado, ele montou uns homens bonitos de saúde, que era tudo atleta, tinha até gente de família boa, porque a família de Inezil era uma família muito boa. Uns três ou quatro que vieram para a escola foram da polícia especial de Getúlio. É interessante isso, e muita gente não sabe. Isso não tem nem no livro do Inezil. Isso tava na minha cabeça.

J.C. - Não tem não, mas aos poucos nós vamos divulgando para as pessoas terem conhecimento da História da Educação Física como ela foi construída.

F.B. - A Lígia, que foi deputada e permaneceu mais tempo no Rio de Janeiro, está viva, foi uma mulher com a cabeça muito boa. Está com oitenta e quatro anos, foi aluna de Escola de Educação Física e foi nomeada, porque foi atleta. Foi a primeira mulher a adaptar as regras de basquetebol aqui no Brasil para mulher. O pai dela era militar, então a estimulava muito no esporte. Ela jogava no Tijuca, adaptou as regras do basquetebol e jogou na inauguração do Pacaembu, representando o Tijuca num campeonato de basquetebol. Foi professora de basquete da UFRJ, mas foi por muito pouco. Logo depois, foi nomeada para o estado, naquele tempo pagava muito bem. Ela saiu, foi dar aula na Paulo de Frontin. Depois foi deputada e ficou como deputada até se aposentar. Ela nunca perdeu o mandato.

[FINAL DO DEPOIMENTO]